

ARTE, TERAPIA OCUPACIONAL E COMPLEXIDADE

*Evelyn Bueno de Camargo*¹, *Prof. Dr. Fábio Bruno de Carvalho*²
(orientador)

¹Puc-Campinas/Faculdade de Terapia Ocupacional Centro de Ciências da Vida, Av. John Boyd Dunlop s/n
Jd. Ipaussurama cep.13059-900, evelyncamargo@bol.com.br

²Puc-Campinas/Faculdade de Terapia Ocupacional Centro de Ciências da Vida, Av. John Boyd Dunlop s/n
Jd. Ipaussurama cep.13059-900, carvalho1@mpcnet.com.br

Resumo- Este trabalho tem por objetivo estabelecer uma relação teórica entre arte, epistemologia e técnica terapêutica por meio de algumas concepções sobre a arte, sua relação com a ciência e a cultura atual além disso discutir a ciência contemporânea e a busca de fundamentos que possam categorizar a terapia ocupacional como um determinado tipo de ciência. Isso culmina no pensamento complexo proposto pelo filósofo francês Edgar Morin na tentativa de compreender a arte como um recurso de valor terapêutico, possibilitando assim a discussão de como articular arte e terapia ocupacional.

Palavras-chave: Arte, epistemologia, terapia ocupacional, complexidade
Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

Este trabalho parte de uma crítica sobre a tentativa de enquadrar a terapia ocupacional em definições e métodos formais e que tem como consequência limitar o caráter abrangente e rico da profissão.

Existem polêmicas e divergências acerca do entendimento do uso da arte enquanto um recurso terapêutico importante na área da saúde. Além disso, o paradigma dominante na ciência – o reducionismo – tem levado a contínua divisão do conhecimento, não incluindo a arte como uma oferta de auxílio ao equilíbrio da saúde do ser humano.

Nesse sentido, o pensamento complexo emerge como uma fundamentação necessária na discussão sobre a arte e a terapia ocupacional.

Sobre a arte: concepções

Definir arte é uma tarefa difícil, não há uma única resposta. Para COLI (1985), "(...) arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia". (COLI, 1985, p.8).

O homem deseja ser um homem total; além da parcialidade da sua vida individual, anseia por uma plenitude que o orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significação. A arte é um dos meios para essa união do indivíduo com o todo, pois reflete a capacidade humana de integrar subjetividade e objetividade.

O anseio de tudo conhecer e tudo poder é próprio do ser humano, portanto, sempre necessitará da ciência, na tentativa de desvendar os possíveis segredos da natureza, e da arte, para familiarizar-se com a sua própria vida e tornar-se capaz de conhecer e transformar o mundo. Hoje, numa época contemporânea, a arte ainda é algo que suscita dúvida e polêmica, talvez pelo fato de possuir uma essência e um valor inexplicáveis.

Considerações sobre a ciência

É possível perceber que o objetivo da ciência ainda é o de tentar tornar inteligível o mundo, atingindo um conhecimento sistemático e seguro de toda a realidade. No entanto, a tendência da ciência na atualidade é a de ser uma investigação constante, em contínua construção e reconstrução, tanto das suas teorias quanto dos seus métodos de investigação. A ciência

não é um sistema de enunciados fixos e inventáveis.

Segundo KÖCHE (1997), para que a ciência se constitua, faz-se necessário dois aspectos: um subjetivo, que cria, projeta e constrói com a imaginação a representação de seu mundo, e outro objetivo, que serve de teste e de confronto. São esses dois aspectos que fundamentam o caráter inovador da ciência.

Pensando nessas considerações, será a terapia ocupacional uma ciência?

A terapia ocupacional e o método científico

Por ser a terapia ocupacional uma disciplina que lida com a saúde do ser humano nos seus diferentes aspectos, via uma atividade, uma ocupação, um fazer ou uma ação, é fácil associar a terapia ocupacional às concepções filosóficas derivadas do empirismo, do materialismo, do pragmatismo e também do positivismo.

Entretanto, é possível perceber, como explicitado anteriormente, que existe uma tendência em ciência de ser uma investigação constante, em contínua construção e reconstrução, e não mais um conhecimento absoluto e irrefutável.

Partindo desse princípio, acredita-se que em meio às profissões da saúde que têm obedecido a uma ordem mais empírico-formal, emerge a terapia ocupacional em meio a tantas adversidades, buscando uma prática mais humana de atendimento, tendo como proposta a complexidade, de modo a compreender os múltiplos sentidos do sujeito em seus fazeres, em suas atividades, em suas obras, enfim, nos símbolos.

A terapia ocupacional é uma ciência que tem como objeto de seu conhecimento, o homem. "Um homem que não é o homem natural, mas sim o homem que transforma a natureza em

humanidade e porque é um homem que faz, que ao fazer simboliza e se objetiva e, com isso, torna-se ser de sua existência". (CARVALHO, 1996, p.04)

Há muito tempo o ser humano vive alienado de si mesmo. O homem contemporâneo, diante das múltiplas funções que deve exercer e pressionado por múltiplas exigências, sofre um processo de desintegração. Buscando recuperar certos valores humanísticos, tenta-se aqui fornecer alguns elementos para melhor compreender uma época como a de hoje, em que os sistemas e processos dirigidos a massificação, resulta em condicionamento e esmagamento do real potencial criador do sujeito, além disso, procura-se entender a terapia ocupacional como um espaço de multiplicidades discursivas e práticas, que inclui também a arte como um elemento fundamental para o seu exercício.

A teoria da complexidade

Quando se diz que algo é complexo, não se está dando uma explicação, mas assinalando uma dificuldade para explicar.

"Tudo está em tudo e reciprocamente" (PASCAL apud MORIN, 1996, p.275) pode ser elucidada com a condição de que se aceite a seguinte proposição: não só uma parte está no todo como também o todo está na parte. Como é isso? Por exemplo, cada indivíduo é pertencente de uma sociedade, ou seja, a parte de um todo, e esse todo, que corresponde a sociedade, intervém desde o nascimento do indivíduo com sua linguagem, normas, sua cultura e seu saber. Cada parte conserva sua singularidade e sua individualidade, mas de algum modo, contém o todo.

Contudo, o que se vê freqüentemente é um pensamento disjuntivo e redutor, reduzindo o

conhecimento a um saber, e o saber a um teorizar. Com todo apreço, por exemplo, que se dá a certas obras de arte, despreza-se o que na forma artística existe de essencial: a condensação poética da experiência como via de conhecimento da realidade.

O desdém pela experiência sensível do sujeito reflete o desinteresse pelo próprio ser humano, por sua afetividade e suas potencialidades criativas. Coloca em evidência o clima alienante da sociedade. Nesse sentido, faz-se necessário remeter-se ao que MORIN (1996) chama de pensamento complexo; não se trata de um pensamento completo, ele reconhece que há sempre a incerteza, escapando assim do dogmatismo.

É preciso aceitar os valores ambivalentes; embora contrastantes, as intenções não necessitam ser contraditórias nem excluir-se; podem complementar-se mutuamente e adquirir um novo sentido de unicidade.

Está se vivendo talvez uma grande revolução paradigmática. E uma grande revolução nas premissas do pensamento necessita de muito tempo, é uma mudança difícil, lenta e múltipla.

Arte e Terapia Ocupacional

A terapia ocupacional, em seu processo histórico, tem enfrentado a contradição entre a abrangência da multiplicidade de ações e áreas de saber e a prática reducionista de aplicar e explicar fragmentos da experiência terapêutica.

Esta contradição, embora geradora de angústias, tem impulsionado os terapeutas ocupacionais a compreender e cuidar do ser humano como um ser integral e a valorizá-lo como um ser ativo no mundo. No entanto, este movimento acaba, muitas vezes, diluindo qualquer diferenciação, deixando a sensação de

que a terapia ocupacional nada é e nossa prática fosse apenas resultado do senso comum.

A intenção não é a busca de algo que dê a terapia ocupacional uma imagem fixa, nem a busca de um objeto exclusivo, mas encontrar singularidades num campo de multiplicidades.

Novas concepções sobre o uso da arte são introduzidas na saúde vindas das experiências inventivas da arte contemporânea somando-se às idéias de expressão, comunicação e concepção construtiva da criação.

Então, por que não transformar a existência em uma obra de arte? Por que não possibilitar novas formas de ser e de criação?

O 'estado de arte' não se instaura somente a partir da criação de uma obra de arte, mas através de qualquer criação objetiva ou subjetiva.

Compreende-se que todos os processos de criação representem tentativas de estruturação e de experimentação, são processos produtivos onde o homem se descobre e se articula à medida que passa a identificar-se com a matéria, ou seja, percebe as transformações e nelas se percebe. Assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, o indivíduo se procura nas formas do seu fazer e nas formas do seu viver, interagir com o mundo.

A arte vai além da razão e das determinações lógicas e racionais, pois é através dela que a subjetividade emerge, sendo possível criar-se sintonias intersubjetivas entre o produtor e o espectador da arte numa relação particular que a vida cotidiana desconhece, mas pode adquirir objetividade através da terapia ocupacional.

Essas novas perspectivas na prática da terapia ocupacional distanciam-se de um sentido positivo de ciência para

aproximar-se de um campo conceitual cuja tendência é de superação do modelo médico, envolvendo uma compreensão de novos valores. A saúde passa a ser compreendida não como reparação do dano, mas como produção de vida, que implica na transformação do fazer, da ação.

Isso faz pensar no pensamento complexo proposto por MORIN (1996) descrito anteriormente. Não se trata de um pensamento completo, mas um pensamento que se sabe local, em um tempo e em um lugar, repleto de incertezas, portanto, compreendendo a arte e os processos de criação como parte integrante do ser humano.

Conclusão

Através deste estudo, procurou-se fazer uma leitura poética da arte, incluindo-a como elemento fundamental à saúde do homem. Evidenciou-se que há um processo evolutivo da humanidade que circula entre o domínio da subjetividade e objetividade, da racionalidade e intuitividade. Com isso, vê-se que a arte acompanha, influencia e é influenciada pela ciência. Dessa maneira, pode-se perceber o paradigma científico vigente na atualidade, que se preocupa com o novo, sua construção e seu desvelamento.

O paradigma atual dado pelo pensamento complexo incorpora uma visão integradora do homem e do saber, trabalhando com a transdisciplinaridade e deixando de lado a visão setorializada e fragmentada dada pelo conhecimento reducionista e disciplinar. É neste contexto do pensamento complexo que a arte emerge também como paradigma de toda atividade humana, pois ela significa procurar nas formas do fazer, uma maneira de viver, interagir e conhecer o mundo.

Essa discussão nos leva a pensar a terapia ocupacional como uma prática que ocupa um espectro cada vez mais amplo, sendo possível buscar na fronteira entre a arte e a clínica, uma união da parcialidade e totalidade do indivíduo, refletindo a capacidade humana de integrar subjetividade e objetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Fábio Bruno de. **O símbolo em Cassirer, Freud e Ricoeur como fundamentos para a terapia ocupacional**. [Tese de Mestrado]. Faculdade de Ciências médicas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1996. 195p.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1995. 131p. [coleção Primeiros Passos].
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 14ª ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes. 1997. 180p.
- LIMA, Elizabeth Araújo. "Identidade e Complexidade: composições no campo da terapia ocupacional", Revista de Terapia ocupacional da USP, São Paulo, v.10, n.2/3, 1999, p.42-45.
- _____. "Terapia ocupacional: um território de fronteira?", Revista de Terapia ocupacional da USP, São Paulo, v.8, n.2/3, 1997, p. 98-101.
- MORIN Edgar. **Epistemologia da Complexidade**. In SCHINITMAN D. (org), Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996
- _____. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 6ª ed. rev. trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez Editora. 2002. [35-46].
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes. 1983. 187p.